

ALBORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 16 do 4.º Ano—N.º 166

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 22 de Janeiro de 1914

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

! A Sociedade M. Sarmiento

está... **pletórica** por causa da revolução republicana!

Pois é verdade. Algumas direcções que tem passado pela Sociedade M. Sarmiento parecem apostadas a comprometerem o bom nome, a altíssima reputação que no país ainda goza, pelo espírito eminentemente superior dos seus fundadores, essa simpática e gloriosa colectividade vimaranesa. Dizemos que por causa da revolução republicana a Sociedade se encontra atacada de humores superabundantes e esquisitos; mas, em rigor, somos obrigados a reconhecer que a *enfermidade* já vem de longe e tem, por mais que o queiram dissimular, todo o carácter dum achaque... **reaccionário!**

E se não, lançando vistas retrospectivas, vejamos: Em certa data celebrava toda a nação a passagem centenária da morte de Alexandre Herculano—esse que era, como historiador, a maior figura da literatura portuguesa—e a Sociedade M. Sarmiento, estranhada pela sua indiferença, responde que se nada havia feito era porque... **!caecia absolutamente conservar a sua neutralidade!** Compreendia-se. A Sociedade cedia perante o jesuita, que não perdoava a A. Herculano o facto de este, ortodoxamente, escrever sobre o dogma da Imaculada e mais sobre o milagre de Ourique. A sua neutralidade (sic) era assim evidente.

Mas iam mais longe. Agora sequestravam, sumiam, condenavam ao limbo toda a imprensa liberal e republicana. Os jornais ocuparam-se, à época, do escândalo e do ósio, e manifestos de protesto se escreveram e vieram à rua. Tudo isto, porém, só conseguiu que a Sociedade, preocupada mais uma vez com a sua neutralidade (sic), decidisse arquivar, ter à chave fechada todos os jornais do seu gabinete de leitura. Seria tudo? Não. As direcções da Sociedade não cessavam de oferecer provas da sua... neutralidade (sic).

Vinha a República, e a Sociedade, anojada, ferida no íntimo das suas convicções, limita a sua antiga festa escolar de 9 de Março a uma apagada sessão solene—tam à *capucha* e tam contrariamente que houve até quem supozesse, ao ouvir falar o presidente, que se tratasse não duma festa escolar, mas dum—entêrrero. Mais adiante, a gente directora da Sociedade, de mãos na cabeça, olhando e prevendo o fim da... nacionalidade, reúne, ruminando e partureja esta moção:

«Atendendo ao momento histórico que a nação atravessa, e havendo na nossa agremiação sócios professando todos os credos políticos, a Direcção,

não desejando melindrar as ideias e crenças de cada um, resolve não ceder a sua casa para conferências ou reuniões extra-oficiais, nem assistir a elas quando convidada».

!Resolveu a douta gente da Sociedade, a 1 de Abril de 1911,—dia dos enganos—não ceder, a sua casa para reuniões de qualquer espécie visto que não distingue, *nem tam pouco assistir a elas quando convidada!* Sensatos, inteligentes, precavidos... até aqui!

!E querem saber como se poderiam realizar essas reuniões ou conferências, contra sua vontade, e por isso sem a sua presença, no edificio da Sociedade?

Quando a Câmara—mercê do seu contrato—ou a autoridade administrativa directamente dirigissem o pedido. !Só então a Sociedade M. Sarmiento, melhor dizendo, os cérebros pensantes da sua direcção se decidiram, pela força, a violar o luto, a arrear os crepes em que se envolveram após essa revolução em que o povo, a canalha, a plebe republicana, depois de proclamar um regime de resgate nacional, foi guardar, pé descalço e arma ao ombro, os bancos onde estava o dinheiro dos argentários e dos felizes! !Sim, só então as portas se abririam para reuniões ou conferências públicas,—mas ainda assim *sem a sua presença!* Inaudito!

!Foi tomada esta deliberação porque algum facto especial, interno ou local, a inspirasse ou determinasse? Nada disso.

Como prova, basta saber-se que a referida moção de Abril de 1911 ainda hoje ali se evoca... porque está de pé!

!A neutralidade (sic) da Sociedade M. Sarmiento regeita uma conferência sobre «Gil Vicente», e outra sobre a «Propaganda da Arvore»!

A primeira era-lhe oferecida por um moço estudioso, com uma cultura literária suficientemente demonstrada e reconhecida por tantos trabalhos dispersos nas milhores e mais autorizadas revistas do país, tendo já merecido ver uma sua produção dramática representada no Teatro Normal. !Seria, pois, arrojado desprante pretender falar no salão da Sociedade M. Sarmiento quem tinha podido subir... mais alto? Assim se viu, porque a *aristocratizada* direcção da Sociedade julgou o moço literário provindo de nascimento plebeu, para que ouzasse, na própria terra, revelar que era capaz de analisar a obra e a figura de Gil Vicente—o seu

glorioso contrerrâneo do século XV que foi o fundador do Teatro Português. Dá o darem-lhe como recusa a letra da moção de Abril de 911—a decantada léria da «neutralidade».

Mas há mais moderno caso a observar.

Um publicista ilustre e culto, um conferentista que se honrou fazendo-se ouvir e aplaudir, por diversas vezes, entre outros lugares, nas salas dos Ateneus e Associações Comerciais de Lisboa e Pôrto, e ainda últimamente na Sociedade de Geografia, modestamente ofereceu-se para fazer na Sociedade M. Sarmiento uma conferência sobre a «Propaganda da Arvore». !E este oferecimento, que só podia e devia lisongear a direcção da importante colectividade vimaranesa, **foi recusado**, evocando-se para isso, mais uma vez, a tal moção votada em Abril de 1911!

E' porém curioso ver os disfarces, os rodeios, a forma ambígua e jesuitica de que se serviram—só porque não lhes sobrava coragem para, dum modo claro, dizerem todo o seu pensamento de má vontade e de recusa. Vejamos, pois, como se houveram.

Em 6 de Setembro de 913, responde o presidente da Sociedade ao conferente:

—que estando dispersos pelas praias e campos a maior parte dos membros da direcção da Sociedade, pelo costume, só em Novembro podia a mesma direcção reunir e tratar do assunto...

Entra o mês de Novembro; e a direcção da Sociedade, que de 6 de Setembro a 20 de Novembro não reuniu vez alguma, a 21, por mandato do seu presidente e como solução a cartas trocadas em que o conferente insiste no seu oferecimento, decide responder isto:

Ex.º Sr. Senhor—Do ex.º sr. presidente da direcção da Sociedade, ausente em Felgueiras, recebo uma carta de v. ex.ª a qual passo a responder:

(Transcrição de parte da acta de 1 de Abril de 1911)—«Atendendo ao momento histórico que a nação atravessa, e havendo na nossa agremiação sócios professando todos os credos políticos, a direcção, não desejando melindrar as ideias e crenças de cada um, resolve não ceder a sua casa para conferências ou reuniões extra-oficiais, nem assistir a elas quando convidada.»

Não houve da parte da direcção desta Sociedade o menor intuito de faltar à consideração que v. ex.ª lhe merece, houve sim o desejo de lhe dar outra resposta.

De v. ex.ª at.º ven. e obr.º F...

!Quem assina esta pitoresca solução recebida de s. ex.ª? E' difícil de descobrir a garatujante assinatura. Conclue-se, porém, que seja dum empregado, tanto mais que a resposta acima é não uma decisão da direcção, mas uma ordem dimanada da presidência. Não resta, portanto, dúvida quanto à afirmação feita, em princípio,—de que a Sociedade M. Sarmiento ficou *pletórica* com a revolução republicana. Uma conferência sobre Gil Vicente ou de propaganda à Arvore, na Sociedade que ainda se enfeita com o subtítulo de «Promotora da instrução popular», tudo é maté-

ria revolucionária, iconoclasta, nilista,—numa palavra!—matéria de doutrina dissolvente e perigosa para a sua neutralidade (sic), pois por coisa alguma desta vida os doutos dirigentes «desejam melindrar as ideias e crenças de cada um...» atendendo ao momento histórico que a nação atravessa!

Que desprante!
Que baboseira!
Que ridículos!

Ah! mas urge que a máscara lhes caia de vez. A terra de Guimarães quer muito à Sociedade Martins Sarmiento para que a veja entregue a quem dela não faz caso e dela não quer saber—se não para a utilizar e pôr ao serviço das suas paixões nefastas, por anti progressivas, absolutamente incompatíveis não só com o espírito de remodelação nacional que se opera, mas também com a acção eminentemente civilizadora do século que vamos atravessando.

E' necessário, repetimos, que essa gente se faça suceder por quem, embora não podendo resuscitar antigos entusiasmos pela obra de Sarmiento, ao menos faça esta coisa simples, honesta e briosamente vimaranesa:—**!Não comprometer nem envergonhar da Sociedade o seu passado, e, identificando-a com o presente, torná-la, com inteligência, pioneira do futuro!**

Foi, de resto, este o pensamento dos seus fundadores.

ECOS

Mal buscado

Um manifesto público da vizinha cidade de Braga, onde se protesta contra a indicação de uma autoridade importada de Barcelos para ali, recordam-se as célebres rivalidades entre esta cidade e a capital do distrito,—coisas velhissimas e bem sepultas—, afirmando-se que elas tiveram a sua origem «no exclusivo, de longa duração, da nomeação de Governadores Civis vimaraneses».

Bem mal estudada ficaria a origem desses célebres acontecimentos de há 30 anos, se outras razões mais importantes não registasse a história.

De resto, sempre os povos não viram bem—intervenções estrangeiras.

Um apêlo

E' dirigido aos católicos, em forma de anúncio, um apêlo caloroso no sentido de estes, quando na idade própria, se recensearem. Iniludíveis provas de que a Igreja, pelos seus dirigentes, desde o padre ao Papa, se intrometiam nas coisas políticas e tricas de partido, já no-las oferecia o livro de Eurico de Seabra.

Este apêlo vem mais uma vez confirmar que o facto é verdadeiro; e, se alguma coisa há que estranhar, não é que os católicos se formem à volta das urnas, mas

que eles, como é evidente, se sirvam do confessional e do pulpito para ameaçarem com as penas da excomunhão e do inferno aqueles que não seguem o partido da sua escolha ou iniciativa. Lembram-se do conflito da «Voz de Santo António»?

Teatro

Prometemos falar de outra comédia levada à scena ai no nosso teatro pela *tournee* Angela Pinto, e vamos fazê-lo—em duas palavras. O «Amor à Solta» é outra comédia em que se faz rir o espectador cizudo com ditos e situações duma pornografia sem mescla, pois nem sequer a graça transparecia através aquele «manto diáfano» de que nos falou Eça. A peça, de resto, que oferecia muitos pontos de contacto com o «Hotel do Livre Comércio», não tinha leveza de sentido, nem satisfação na sua interpretação.

Bom seria que se fizesse melhor escolha—pelo menos de teatro escrito,—visto que, quanto ao mais, os satélites que guarnecem certas estrelas de companhias nem sempre primam pelo conjunto.—Entendidos?

«Sabotage»

Já agora é inútil prégear aqueles que se declaram em greve que é um crime destruírem ou danificarem os instrumentos de trabalho, pois o mesmo é que atentar contra o direito de propriedade. Apaixonadamente não fazendo carreira os processos violentos, que é, em parte, a acção directa proclamada pelo sindicalismo.

Remédio? Só o achamos opondo às prepotências do capital ou do trabalho noções de equidade e de justiça humana.

A força das armas—é coisa impotente.

INTERNATO MUNICIPAL

A Comissão executiva da Câmara Municipal de Guimarães, em sessão de 14 de Janeiro, nomeou Abel Cardozo director interino do Internato Municipal, o qual tomou posse imediatamente do lugar que lhe foi confiado em quanto subsistir a licença especial concedida ao director efectivo sr. dr. Eduardo de Almeida

O prefeito Manuel Tôrres, tendo retirado do Internato, deixou de fazer parte do pessoal daquele estabelecimento de educação e ensino.

INSISTINDO

A Sociedade M. Sarmiento offendeu de novo a Câmara participando-lhe que ainda não recebeu a quota há muito vencida relativa ao subsídio da mesma aquela colectividade. A Câmara resolveu não tomar conhecimento do reparo, visto ter já oportunamente respondido que só autorisava esses pagamentos quando a referida colectividade satisfizesse uma das condições do contrato.

Cartas ao vento

HISTÓRIA TRÁGICA DUM CEVADO

(EXCERTO)

Hoje, ao fitar da janela o quintal do meu vizinho, veio-me à lembrança a caricatura em barro de Machado de Castro, que repetidas vezes tenho visto, em Lisboa, no Museu de Arte Antiga, e que reproduz, dos usos de aqui há dois séculos, uma scena flagrantemente da matança do porco entre saloios.

Com efeito, levantada cedo e dando bem de vistas à vizinhança, já a mulher do meu vizinho saiu hoje, acompanhada da serva, com uma toilette singular, de pompa, para um dia de feira semanal, e aliás tam trabalhoso, da cidade.

Dona Clara—que assim se chama a idosa e virtuosa senhora—cobrindo a sua mantilha de burgo e suspendendo da garganta, no *fichú*, o seu longo e económico cordão de doméstica, meteu no bolso uma saca de linho pesada de cordões e pondo, com o punho fechado, a sombrinha de seda sobre o ventre deformado de antiga criadeira, lá rodou, oito e três quartos, com a capa preta e redonda da sua classe social, a caminho, ao Cano, da feira dos porcos.

Ao abrir deste dia assoalhada—que ora morre num crepúsculo de lacas acezas e distantes—preses se tangeram pelas estradas dos arredores os cevados malhados de cinzento, com que a feira local, num parco comércio de camponezes, alegremente se encheu, e mais do que encheu, consolou.

A faladeira esposa do meu circunspecto vizinho—pessoa, em verdade, duma diferente e mais activa indole que o nobre e grave homem que passeia os seus dias paredes meias comigo arrastando os chinelos de ourlo e compondo os óculos sob a pala dura do seu *bonnet* de seda—tendo protestado, pelo caminho, à criada, comprar cevado a menos de libra a arroba, entrou no campo da feira na attitude de quem, contando tranquilamente com os recursos próprios dos olhos e da lingua, conseguiria com absoluta certeza a realização do seu, digamos agora, ideal suino.

Em redor das carvalhas secas da feira, e prêsos com uma corda, pelas pernas, aos troncos encascados das mesmas, espalhavam-se pródigoamente os porcos conduzidos por camponezes, a través caminhos do inferno, ao aviso catinholo duma varinha de oliveira.

Dona Clara—que não fêz o curso de veterinária devido, cremos bem, à ainda evidente repugnância feminista pela anatomia tantas vezes equivoca dos irracionais domésticos—a cada cevado sobre cuja simpática corpulência os seus olhos atractivamente incidiam, não se limitava ao apêrto, aliás ralan-te, das ancas ásperas dos bichos, mas levava a exigência ou, melhor, o apuro dos seus cuidados de dona da casa ao extremo de baldear as mãos entre as pernas dos masculinos cerdados, no receio tam provinciano, e certamente nacionalissimo, de comprar do produto honrado da venda dos seus cereais porco doente, e alimentado a modas frias, que lhe saísse *chaveiro*.

A's dez em ponto, batidas no relógio da Colegiada, quando já se haviam suspendido as missas e o velho sacristão, porque era dia de *Senhor-Exposto*, passeava em frente, fazendo carretas ao sol, de capa côr dos pinhões e carapuça preta de algodão, em carucho, Dona Clara, acompanhada da serva, atravessou orgulhosamente o largo, de olhos pretos nas varandas, à espera de quem lhe gabsasse a compra, que deveria sair, na melhor das hipóteses, a moeda a

arroba, mais vintem, menos vintem.

Entretanto, o meu visinho, vestindo um paletó que destina, económica e decentemente, à cava e à rega, preparava no quintal, de conversa com o hortelão do lado, os apetrechos indispensáveis ao acto fúnebre.

Grave, sempre duma concisão cheia de disciplina e certeza, arrecadou êle próprio, a um por um, os molhos de lenha, bem enfiados, da última vendadura dos estrumes.

Com uma pedra, batendo pancadas tam metódicas e lentas como se a sua mão se movesse presa à pêndula de um relógio, o velho asseado e discreto, fitando de ora em vez o ôlho da sachola, conseguiu cravar-lhe, com a firmeza de um monumento, uma cunha nova, talhada em castanho com a machada dos canhotos.

Em seguida, tirando o longo casaco e mostrando à curiosidade a firmeza dos suspensórios de correia cruzados sobre a alvura farta da camisa engomada que todos os dias, invariavelmente, preferiu e usou, o meu vizinho cuspiu silenciosamente nas palmas das mãos e começou cavando aquilo que deveria ser o inferno do seu suino e paraíso do seu estômago.

Concordemos que se não nasce, impunemente, porco de alma ou de nome.

Pouco antes que a consorte surgisse, a *Bragança*, velha sardineira da terra, cuja figura anão e áspera nos recorda a Maria Parda, a dos prantos bêbados, de Gil Vicente, passou clamando sardinhas a seis, de cabeça, que o grave homem, de olhar interrogativo, adquiriu à portada, sobre uma folha de couve, para o jantar, dizia, dos «matadôres».

Marcava o relógio de cuco, em cima, na varanda alpendrada, dez e vinte—que precisão a minha!—quando se começaram a ouvir, terríveis a entrada do prédio, lá fora, os primeiros gritos do suino teimoso, que tresjurava não ser aquela, onde o queriam meter, a porta do seu senhorio camponio, que ainda pela madrugada, e perfeitamente à vontade, havia saído.

As mãos estovadas da serva, porém, firmando-se resolutamente nas orelhas do cevado, juraram em si ter forças capazes de arrastar, sem meias medidas, o animal, aliás bem arrazoado nas suas intenções, ao curral onde teria, desde logo, de ficar de *oratório*.

Façamos agora o seu notável retrato.

Era um animal preto, cumprido e enxuto, com umas orelhas de aza, assás discretas, vedando-lhe o segrêdo orgulhoso dos olhos raiados de sangue.

Uma vez internado no curral, aninhou-se, melancólico, em memórias várias, insistindo em não fitar, sequer, a face scetica dos seus algôzes.

Mão falava—pensava. O seu espírito abria-se em doloroso diálogo com a visão da morte, estanho ao clamor sombrio das grutas humanas que o cercavam. Queremos crêr que uma saudação profunda, e sinceramente envolta em lágrimas ardentes, era todo o seu louvor derradeiro à vida de que ia apartar-se. Em redôr do seu coração—compreendia-o, suggestionado—vagueava já um forte perfume de cominhos, cebola e alho. Maldisse, então, a impiedade e a baixez carnívora dos homens. Vingá-lo-ia, mais tarde, a trombeta clamorante de Jeová, no *Juízo Final*. Todos então seriam igualmente queimados. Realizar-se-ia o seu sonho de vingan-

ça. Vida, ó Vida, porque o deixas?!... Couves da sua aldeia, porque não vinheis em meu socôrrô?!... Lamentou-se, chorou e adormeceu!...

Na cozinha, aberta ao alto do prédio para o quintal comprido com limoeiros e couve galega, Dona Clara e a criada apressavam o jantar, na cozinha de ferro; e já ao lado, sobre a lage do lar, sobre lavadoras infernais, aquecia num caldeirão negro, de ferro, a água que serviria para lavar o cadáver, coser o sarrabulho e limpar as facas agudas (temperadas em Guimarães, no Miradouro), com que trabalhariam cruelmente os assassinos.

A roda do fumeiro, bem empandeirada sobre a lareira, provera-a o meu vizinho, de véspera, com o luxo de enleia nova. Ao lado, cheios de vento, enroscavam-se já, prontas para a enchedura, alguns metros de tripa de vaca. Sobre o armário havia cartuchos apertados de pimentos e cominhos, restes mas de olhos galegos, um cabo comprido de cebolas novas, para picar; e mais adiante, sobre um banco longo, de pinho, um alguidar vermelho de Barcelos espetava a hora de ser estreado ao serviço da imolação negreganda.

Dona Clara, lidando e declarando ordens, revolvava-se na cozinha, vermelha de calor.

Alfredo Guimarães.

A boa política

O sr. presidente do ministério e ministro das finanças apresentou à câmara dos deputados a proposta do orçamento geral do Estado para o próximo ano económico de 1914-1915, em obediência ao preceito constitucional que manda ter confeccionada essa proposta até ao dia 15 de Janeiro. Por essa proposta vê-se que as receitas gerais são computadas em 81.463.000\$ e as despesas em 78.070.000\$, o que dá um saldo de 3.393.000\$, ou quasi 3.500 contos da antiga moeda. E' esta a terceira vez que o sr. dr. Afonso Costa afirma, com factos, perante o parlamento e o país, que está no govêrno para se dedicar, como tem feito, à honrada e inteligente administração dos negócios públicos, ao resurgimento dos créditos financeiros da nação portuguesa e ao prestigio e consolidação das instituições republicanas.

Eis o que cumpre registrar-se.

Academia Vimaranesense

A Caixa Filantrópica Académica, inaugurada o ano passado com a quantia de 68\$22, produto dum espectáculo que a Academia Vimaranesense promoveu no Teatro Afonso Henriques, comemorando a data do 1.º de Dezembro, e com os donativos dos ex.^{mos} srs.: Conde de Margaride, 10\$00; dr. Henrique Margaride, 10\$00; Simão Costa, 5\$00; Anónimo, 5\$00; dr. Pedro Sanches, 5\$00; Teixeira de Abreu, 5\$00; Simão Ribeiro, 5\$00; José Martinho, 2\$50; acaba de receber a importância de 47\$70, proveniente do espectáculo do 1.º de Dezembro, deste ano.

Além destes donativos, houve o pagamento de propinas a um estudante pobre, que o nosso amigo João R. Loureiro se prestou a liquidar.

Somos informados de que a Direcção desta simpática sociedade académica, composta pelos srs. José de Pina, Cónego Vasconcelos, Padre Anselmo, e académicos João de Freitas, Veloso e Mendes da Cunha, trata de conseguir regalias para os seus associados subscriptores, tais como: livros, descontos nos cinematógrafos, comboios, diligências, etc.

As procissões

Oh! vós que esperais ver nas ruas as procissões, perdi de vez a esperançal

Em 1904—há, portanto, 10 anos—dizia um jornal conservador e monárquico, as «Novidades», a propósito de procissões, *que a época não corria propicia para manifestações ostensivas de culto externo, e que a rua já não podia nem devia ser, em principios do século XX, um agente de propaganda religiosa, sem perigo de acontecimentos graves e de provocar uma reacção enérgica, contra a qual todos os cuidados já eram poucos.*

Ainda a propósito dessas procissões, que já nenhum principio ou idea religiosa defende senão pelo lado e fins de alcance commercial,—aliás ponto discutível ainda—julgamos conveniente transcrever duas páginas do livro—«A Questão Religiosa» (1907), de Sampaio Bruno, escritor que não é, positivamente, um argumentador faccioso nem banal:

«Por preguiça de entendimento e atonia cerebral, a maioria das pessoas que repetem a ideação tradicionalista não se dão cargo de verificar as situações reaes e autenticas e limitam-se a reproduzir automaticamente os conceitos que a educação lhes inculciu. Assim, tomando palavras por idéas, os lugares-comuns satisfazem-as e as frases feitas compoem o conjunto de sua doutrina.

Exemplificando no caso, é regra asseverar que o povo português é essencialmente religioso e profundamente católico; mas, em regra, ninguém examina essa expressão genérica de «povo português» e confunde, pois, a massa rural, que pratica uma religiosidade naturalistica espontânea, inteiramente alheia ao dogma, se bem que coadunada com as cerimónias cultuais da Igreja, confunde, digo, essa massa rural com as classes operárias urbanas, que não só não são católicas como manifestam uma tendência acentuada para as fórmulas extremas do livre-pensamento.

Ora, deste desconhecimento da realidade social podem dimanar conflitos graves, desde que a reacção clerical se obstine em testemunhar publicamente da posse de uma força, cuja efectividade, em determinadas zonas, é inteiramente contestável, antes fugidia e precária.

A mesma massa rural, no seu fetichismo poético e na revivência periódica dos tipos ancestrais da adoração (qual aqui há anos nos arredores do Pôrto a invenção do *carvalho santo*), não representa uma força de resistência a valer. Não argumento facciosamente. Ainda em precedente lauda registrei a impossibilidade actual da proibição de festas e romarias, proibição que seria, ademais, um atentado liberticida, uma tirania odiosa e grotesca. Mas nem por isso exagero a situação da força clerical. Porquanto, de certo que os minhotos dos peregrinações ao Sameiro não iriam pegar em armas e sacrificar suas vidas pela inviolabilidade dos interesses clericais; o respeito moral pelo sacerdotio é matizado de chufas e anedotas pícaras acerca das virtudes eclesiásticas. E o beatério afdalgado, êsse, teme de constante medo perante a simples perspectiva do desencadamento das fúrias infernais dos ímpios. De modo que a verdade verdadeira é que a reacção, de per si, para um combate a sério e às últimas, indo as coisas às do cabo, sem a protecção e assistência do Estado, não tem força nenhuma. E não tem força nenhuma, porque o povo não está com ela. Se é ridículo supor que os operários das cidades se vão ba-

ter pelos padres, é quasi tam ridiculo imaginar um alevante dos camponezes a bem das imunidades da Igreja.

Mas as temeridades reaccionárias, com as suas procissões tendencias e acintosas, se não podem dar guerra, podem dar bulha; e não vale a pena esmoucarem-se os cidadãos, por môr de alguns sacerdotes irrequietos e de algumas velhas fanáticas.

Nesta conformidade, houvesse e haja conformidade. Quer dizer, tivessem e tenham prudência todos quantos desejem a paz, que a paz na terra constitue o apanágio ou a esperança dos homens de boa-vontade, dos ânimos simples e bondosos, das intenções rectas, daqueles, emfim, que nem desejam ser perseguidos nem desejam perseguir. A ocasião, disseram ao lance as *Novidades*, não era propicia a manifestações ostensivas do culto externo.

E porque não era? E porque não é?

Porque essas procissões projectadas ou projectandas só são *religiosas na aparência*; na *essência*, elas são *políticas*. Elas não significam uma fé; significam o exclusivismo dum rancôr, o rancôr abominável do Progresso, o ódio à Civilização, a guerra contra a Liberdade».

REPORTAGEM

Foi exonerado do cargo de sub-delegado, neste concelho, o sr. dr. Fernando Albuquerque Dias.

Não fêz o sermão prometido em S. Dámaso, o sr. padre Jerônimo Luis da Costa, da Póvoa de Varzim, devido a encontrar-se doente.

Depois de lhe amputarem uma perna, morreu na Santa Casa da Misericórdia, o sr. António Fernandes da Silva Braga, antigo negociante no largo da Oliveira. O seu entêrro realizou-se na igreja de S. Domingos.

Também na sua casa, à rua de Santa Maria, faleceu a sr.^a D. Maria José Carneiro, filha do sr. António da Silva Carneiro.

Enviamos pêsames às famílias doridas.

Na repartição das finanças, recebem-se, até ao dia 31 de Março, requerimentos pedindo a anulação de contribuição predial, do ano findo, dos prédios que estiverem devolutos ou em construção durante um ou mais mezes do corrente ano.

No dia 29 passa o aniversário natalício o sr. José Luis de Pina, reitor do nosso liceu. Felicitações.

Na pretêrita segunda-feira, pelas 19 horas, na rua de S. Dámaso e na ocasião que avançava o automóvel do sr. A. B. Leite de Faria, desta cidade, guiado pelo seu chauffeur, foi colhida pelo mesmo uma criança que nessa altura atravessava a rua, produzindo-lhe dois ferimentos sem gravidade. A criança foi prontamente socorrida na farmácia Alves Mendes, pelo sr. dr. Faria, que ao local compareceu.

Terminou a circulação das estampilhas fiscaes, que serão substituídas por outras, de novo tipo e côr, começando já a vigorar.

Na câmara do Pôrto, um vereador apresentou uma proposta, a qual foi muito aplaudida, para que seja criada uma repartição de instrução autónoma a cargo da mesma câmara.

E' no próximo domingo a romaria de Santo Amaro, em S. Vicente de Mascoteos.

A Câmara vai fazer aquisição dum relógio que, no alto da torre da Oliveira dê as horas repetidas, contando só até 12.

A proposta da compra é da casa Andrade Melo e custa 420 escudos.

Nas reuniões deliberativas da Câmara Municipal, que principiam na passada segunda-feira, além da aprovação do orçamento, apresentado pelo sr. Presidente da Comissão executiva, foi também aprovado o novo Código de Posturas e apresentadas algumas propostas pelos seguintes vereadores:

De Clemente Dias Pereira, para se proceder ao estudo duma estrada para o Bom Jesus do Monte e que seja executado logo que a Câmara possa. Aprovada.

De Joaquim da Costa Vaz Vieira, propondo para que a Câmara mande iluminar a electricidade, o mais breve possível, o lugar do Miradouro, freguesia de Creixomil, apresentando para esse fim uma proposta do sr. Bernardino Jordão, no qual se proutifica a fazer a instalação de 15 lâmpadas por 250\$, pagando a Câmara anualmente 11\$ por cada lâmpada. Foi aprovado que se instale a electricidade, sendo regeitada a proposta do preço da instalação.

O preço dos cereais no último mercado, foi o seguinte:

Milho branco, o alqueire, 800; amarelo, 760; alvo, 1.200; centeio, 800; feijão branco, 1.800; moleiro, 1.400; fradinho, 1.300; painço, 1.300; batatas, 800; galinhas, 500; ovos, 200.

A nossa Polícia já encetou os trabalhos sobre as criadas de servir, andando com a matrícula.

O Secretário da Associação Commercial, desta cidade, sr. Domingos Martins Fernandes, convida os associados desta colectividade a reunirem-se em assemblea geral na próxima sexta-feira, 23 do corrente, pelas 18 horas, a fim de dar cumprimento ao n.º 1.º do art. 7.º dos estatutos.

Não comparecendo número de sócios que atinja a maioria, ficará a mesma reunião para o próximo domingo, 25 do corrente, pelas 11 horas, funcionando com qualquer número de sócios.

Hospital e Creche de S. Francisco

Movimento hospitalar da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, durante o ano findo:

Existiam em 31 de Dezembro de 1912—6 homens e 8 mulheres. Entraram durante o ano, respectivamente, 75 e 125; saíram curados e melhorados 58 e 102; no mesmo estado 4 e 4; faleceram 11 e 14; ficaram existindo em 31 de Dezembro de 1913—8 homens e 13 mulheres.

Movimento da Creche da Venerável Ordem, durante o ano findo:

Existiam em 31 de Dezembro de 1912, 29 crianças, sendo 17 do sexo masculino e 12 do feminino. Entraram durante o ano 6 e 6; saíram 4 e 5. Ficaram existindo em 31 de Dezembro de 1913 32, sendo 19 do sexo masculino e 13 do feminino.

Presenças durante o ano, 9: 268, sendo 5: 160 do sexo masculino e 4: 108 do feminino.

PERDERAM-SE 10\$00

Desde a recebedoria desta cidade até ao passeio da Independência, número 33. A quem os achou pede-se o favor de os entregar ao director deste jornal, dando-se alviçaras.

E' organizado em Guimarães

O Conselho de Assistência Escolar

Na sua primeira reunião é votada uma proposta tendente a promover a criação de Cantinas em Vizela, Taipas, Pevidém e S. Torquato

Pela lei de 29 de Março de 1911, referente à instrução primária, são as Câmaras Municipais obrigadas a criar, nos seus respectivos concelhos, uma comissão de assistência escolar, cujas atribuições se encontram expressas nos artigos 72.º a 78.º da mesma lei. Em obediência, pois, a esta determinação trazida pela autonomia municipal, resolveu a Câmara, por proposta do vereador da instrução, sr. Justino Ferreira, encarregar da assistência escolar do concelho os seguintes cidadãos: Augusto Maria Coelho Pinto, Capitão Luís A. de Pina Guimarães, Joaquim de Almeida Guimarães, Alvaro da Silva Penafort e A. L. de Carvalho.

Pelo mesmo sr. vereador foi dada posse ao referido Conselho de Assistência Escolar, traçando em breves palavras qual o seu fim e alcance, ao mesmo tempo que comunicava pertencer a este Conselho de Assistência a aplicação da verba daqueles 500 escudos que no anterior orçamento se destinavam à Cantina Escolar Vimaranesense, e, bem assim, lhe ficavam confiadas as dependências e mais haveres actualmente de posse da referida instituição beneficente, a cujos dois membros da sua direcção ali presentes dirigiu palavras de louvor pelo desvelo dispensado a tam prestante instituição.

Seguidamente, usando da palavra A. L. de Carvalho, diz, depois de fazer considerações de ordem geral, a conveniência de se nomearem naquela primeira reunião o presidente, secretário e tesoureiro do Conselho de Assistência Escolar, esse preliminar indispensável para se iniciarem os trabalhos daquela primeira reunião. Por acôrdo unânime foram proclamados: presidente, Augusto Maria Coelho Pinto, professor da Escola Industrial; tesoureiro, Capitão Luís A. de Pina Guimarães; 1.º secretário, Joaquim de Almeida Guimarães, director interino das Escolas Centrais. Continuando no uso da palavra, manifesta, com o aplauso de todos, que às reuniões do Conselho de Assistência possa estar presente o Inspector Escolar sr. António Justino Ferreira, pois nunca é de mais o seu conselho de competente e autorisado. Por último, apresenta a seguinte proposta, que foi plenamente aprovada.

"O Conselho de Assistência Escolar de Guimarães, na observância exacta à lei de 20 de Março de 1911, a qual indica a protecção às crianças pobres que frequentam as escolas publicas, propõe-se estudar a maneira de levar à prática a criação de Cantinas nas localidades onde o senso escolar seja maior, como, por exemplo, Vizela, Taipas, Pevidém e S. Torquato, chamando para a efectivação deste desideratum a atenção do professorado, juntas de paróquia, corporações e todos os amigos da instrução que nestes centros populosos seja possível agregar à volta desta iniciativa, sempre animada por um subsídio pecuniário deste concelho de Assistência, o qual será arbitrado conforme lho permitam os recursos de que possa

dispôr e nos limites dos encargos já criados.

mitam dispôr.

Guimarães, 17 de Janeiro de 1914.

(a) A. L. de Carvalho,

Trocam-se ainda impressões sobre realização desta proposta, todas tendentes a empenhar os melhores esforços para que dentro em breve se iniciassem sessões de propaganda, devendo ser a primeira, como tudo o indica, na vizinha povoação de Vizela.

O sr. Alvaro da Silva Penafort pede por sua vez que seja esclarecida qual a situação em que fica a Cantina Escolar Vimaranesense, se é certo que a Câmara autoriza ao Conselho de Assistência os seus poderes quanto ao subsídio e haveres que ali possui. Convidado o vereador do pelouro da instrução, sr. Justino Ferreira, a pronunciar-se sobre o caso, foi ainda pelo primeiro, e depois de viva discussão, resolveu convocar a uma reunião conjunta o Conselho de Administração da referida Cantina, reunião que teve lugar segunda-feira, pelas 21 horas, na sala da Câmara Municipal.

TEATRO GIL VICENTE

Domingo, 25 de Janeiro

A FILHA DO CAPITÃO DE NAVIOS

Grande successo.

Como o público pode apreciar e ver, os programas nesta casa de espectáculo estão sendo constantemente modificados, sendo o salão onde mais variadas fitas se exibem.

Para domingo, 1 de Fevereiro, a grandiosa película

SEGREDOS DOS FINADOS

terceira fita da série de ouro.

E nos três dias de Carnaval dá esta casa três espectáculos, oferecendo dois prémios aos grupos que melhor se apresentarem.

A minha defesa perante o povo de Lordêlo

—Ficou vencido—, dizem alguns triques Lordelenses, perguntando com basófia para que avancei à urna a disputar um direito que não merecia.

E antes que alguém me critique ignorando o motivo de todo o meu trabalho, vou fazer uma franca e sincera exposição do meu procedimento aliás correcto ao povo de Lordêlo, por quem tenho o máximo respeito e a maior das simpatias. E não deve admirar a minha satisfação, nem a simpatia que me merece Lordêlo, porque é no coração de alguns dos seus filhos que eu tenho depositada parte da minha vida. E tanto assim que, terminadas as eleições, eu voltei a abraçar cordealmente amigos pessoais, que durante esse período eram meus adversários políticos. E salto para este campo, embora contrariado, para que não digam esses meus adversários políticos que me esquivo às responsabilidades, o que nunca fiz.

Também não vou agora, pela primeira vez na minha vida, acobardar-me incoberto por uma manta tão vergonhosa. Salto, finalmente, afirmando com segurança que entre os meus colegas de Lordêlo quasi só encontrei génios fracos e volúveis, acompanhados por corações desprovidos de sentimentalismo. Não posso de maneira alguma conter-me, embora tenha já poisado a pena algumas vezes, sem frisar o nome do professor Ferreira Lobo, em quem reconheço incompetência moral e civicamente.

Incontestavelmente o maior incoerente, manhoso e covarde, que morde às escondidas e de in-

vasão todos aqueles que por o não conhecerem lhe confiam a doce e lisonjeira palavra amigo, é sem dúbio ao comediante e intriguista no meio do pacato povo de Lordêlo.

Esse cínico Ferreira Lobo em quem deposei a mais cega confiança, fazendo-o ser um homem estimado por meu pai, que o relacionou com a política vimaranense, foi unir-se ultimamente aos maiores reacionários dali, acompanhando dia e noite os padres a pedir votos para formarem uma junta de paróquia, da sua lavra.

Mas se me opuz não foi pela adesão duns aos outros, porque isso vai do caracter de cada um e eu tenho reconhecido que a vergonha do professor Ferreira Lobo ou ficou em Landim, donde é natural, ou fica escondida atraz da porta, todas as vezes que de casa sai. Opuz-me a principio querendo, defender a dignidade deste homem, obstando a que elle se unisse aos membros que foram demittidos da ex-junta pelas suas mãos. E isto por que estes, uma vez ofendidos, haviam de lhe dar o pontapé quando o julgassem acertado. Era mesmo este que eu lhe queria poupar.

Opuz-me porque, sendo filho sincero e dedicadissimo do Centro Democrático que com o meu trabalho formei, não posso consentir, de mãos cruzadas, que os meus irmãos o ofendam e desprezem, quando a elle se devem unir.

Opuz-me, finalmente, pela falsidade do Ferreira Lobo aos republicanos do concelho, deante de quem é hoje considerado como um falsário, um arranjista.

E assim como desmascarei a politica do Ferreira Lobo, cumpri um dever elogiando a attitude do colega Adelino Leite, pela maneira atenciosa e traços de cavalheirismo como pretendeu na noite de 13 de Dezembro convencer-me a uma composição, enquanto que o Ferreira Lobo, vomitando cuspo, enxuvilhava os seus colegas de há muito e prometteria positivamente que traia os colegas de amanhã.

A urna falou, dando-nos a minoria.

Republicanos, uni-vos, que do calor de seis da união vem a vitória, vem a consolidação.

Agora que me ofendem em conversas às escondidas é que eu peço a vossa união.

E se o nosso centro ontem conseguiu as minorias, é muito provável que amanhã vença as maiorias.

Também dizem que se avancei à urna foi para formar uma junta de paróquia que fechasse a igreja ao novo pároco, afim de que o arcepíteste conservasse ali o padre Domingos Trindade.

Ou andam completamente enganados, ou fazem desta questão um argumento para a discussão.

Puni e puno pelo padre Trindade, assim como protejo qualquer desgraçado entregue ao desconceito dos seus amigos, pelos colegas de officio que de olhos fitos na paparoca lhe movem uma guerra injusta, jamais esquecida.

Puni e puno, repito, livre de politica, porque esta questão com ela nada tem pelo adre Trindade, vítima duns gasómetros troca-tintas que a principio o protegem e depois o abandonam e dum grupo de imbecis que nada veem e nada sentem.

E protector como sempre fui dos que se humilham, encontrei nele sempre um coração humilhado perante os seus algozes.

E vós, católicos, que adorais o Cristo bondoso e apregoador da paz, ao presenciardes entre o catolicismo tamanhos ódios, tamanhas vinganças, escutai o que eu penso da religião católica.

Há mais Deus, mais religião e mais moral nas carícias do lar doméstico onde se bebe dum só trago o amor filial, do que na fingida Igreja onde os ministros

de Cristo estabeleceram o seu balcão e negociam, livres de impostos, pois não de ser sempre meros parasitas da sociedade e retrogradados ao progresso e à civilização.

Guardizela, Dezembro 1913.

Alvaro Dias de Almeida.

Cantina Escolar Vimaranesense

CONVITE

São convidados os sócios subscritores desta cantina a comparecer no dia 25 do corrente, às 15 horas, na sede respectiva, a fim de em assemblea geral se resolver um assunto urgente e de maior importância para a sua existência, como foi requerida pela direcção em sessão oje teve lugar.

Na falta de número de subscritores, fica adiada para o dia seguinte à mesma hora.

Guimarães, 22 de Janeiro de 1914.

O Presidente,

Guilhermino A. Rodrigues.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães:

Faz público que as suas sessões ordinárias devem realizar-se em todas as quartas feiras de cada semana, pelas 21 horas, excepto sendo dias feriados, porque sendo-o realizar-se-hão no dia immediato, em harmonia com a deliberação tomada em sessão que se effectuou no dia 2 de Janeiro do corrente ano.

E para constar se publica o presente na forma da lei.

Guimarães, 3 de Janeiro de 1914.

O Presidente da Comissão executiva,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Arrematação

2.ª Publicação

No dia 25 do corrente mês de Janeiro, às 12 horas, à porta do Tribunal deste Juizo, situado na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, por deliberação do conselho de familia e interessados no inventário orfanológico, a que se procede por falecimento de Manuel Gonçalves de Araujo, casado e morador que foi no lugar da Ceára, na freguesia de Lordêlo, desta comarca, e em que é inventariante Maria Pereira, se tem de arrematar, a quem por ela maior lance oferecer, uma propriedade composta de uma morada de casas terras e sobradadas e de terra de horta com algumas árvores de fruta e ramadas, situada no dito lugar da Seára e referida freguezia de Lordêlo, foreira a Francisco da Cunha, casado, do lugar do Paço de Além, da mesma freguezia, a quem se paga o fóro annual de \$55, e avaliada, com abatimento do mesmo fóro, na quantia de 399\$00, ficando toda a contribuição de registo por título oneroso a cargo do arrematante.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos do inventariado.

Guimarães, 2 de Janeiro de 1914.

O escrivão,

João Joaquim de Oliveira Bastos,

Verifiquei.

O Juiz substituto,

Mojira Sampaio.

Horário dos comboios

Ascendentes

ESTAÇÕES	*	**	•	*	*	•	*
	Diário	Rápido	Diário	Diário	Diário	Diário	Diário
Linha de Guimarães	FAFE P.	4,50	7,15				16,05
	Guimarães C.	5,43	8,08				16,58
	Vizela P.	6,12	8,33	10,49	13,29	17,07	17,30
	Lordelo P.	6,23	8,43	11,25	14,00	17,42	17,57
	Negrelos P.	6,38	8,54	11,41	14,14	17,57	18,19
	Santo Tirso P.	6,59	9,13	12,02	14,35	18,19	18,39
Linha e Minho	Trofa C.	7,19	9,30	12,23	14,54	18,39	
	Valença P.	3,23	6	7,55	13,20	15,25	16,40
	Viana P.	5,21	8,10	10,25	14,38	16,57	19
	Braga P.	6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04
	Trofa P.	7,30	9,44	12,41	15,54	18,57	21,47
	Porto C.	8,56	10,30	13,22	16,39	19,56	23,08
Linha de Póvoa	Trofa P.	5,51	9,46		15,05	19,58	
	Braga C.	7,44	11,15		15,58	21,29	
	Viana C.	8,31	11,47		16,26	22,33	
	Valença C.	10,50	13,19		17,31	23,33	
L. da	Porto P.	8,35		Expresso	Rápido		
	Lisboa C.	14,31		15,48	17,54	19,57	

Descendentes

ESTAÇÕES	Rápido	Expresso	Rápido	Rápido	Diário	Diário
L. de Guimarães	Lisboa P.	18,55	21,35	21,35	8,30	
	Porto C.	9,32	7,35	7,56	14,19	
L. Minho	Porto P.	4,30	7,26	7,44	8,43	14,18
	Trofa C.	5,43	8,06	8,35	9,42	15,03
	Trofa P.	5,51		8,36	9,46	15,05
	Braga C.	7,44	8,56	9,50	11,15	15,58
	Viana C.	8,31		10,25	11,47	16,26
	Valença C.	10,50		13,19	14,41	17,31
L. da PÓVOA	P.			8,03		16,35

* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha e Cepães.
 • Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
 • Idem em Madalena, Covas e Cepães.
 • Idem em Espinho, Madalena e Covas.
 •• Idem em Cepães.
 As designações no xadrez das colunas referem-se aos comboios de Guimarães, exclusivamente. Os comboios da Póvoa são diários.
 As comunicações com Lisboa fazem-se em Campanhã.

Livraria editora GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um baço, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Muret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosqueteo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Promon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 ra. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII e IX. Amores de Fabulas.

Instituto Médico-Dentario

Rua Formosa, 331—PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR cirurgiaão-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentário de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

DENTADURAS COMPLETAS (TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA

PLATINA E CIMENTO

DENTES A PIVOT

OBTURAÇÕES A OURO

COROAS DE OURO

LIMPEZA DOS DENTES

OPERAÇÕES SEM DOR

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga Mercearia e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, frutas secas e caldadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinícola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial. Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

Oficina e Depósito de Guarda-sóis e Bengalas

Manuel Lopes Ferreira dos Santos

67, TOURAL, 69

(Antigo Largo dos Cestos)

GUIMARÃES

Acha-se esta oficina instalada no Toural, 67, 68 e 69, casa aonde esteve a antiga chapelaria do sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos. Nela se vendem, fazem e concertam bengalas e guarda-sóis em preto e côr para homens e senhoras.

Concertos rápidos.

Perfeição.

Preços módicos.

Atelier de costura

DE

MARIA PASTOR

Rua de S. Dâmaso

GUIMARÃES

Executa toda a toilette de senhora e criança pelos últimos figurinos.

PREÇOS MODICOS

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

Ano 1\$200 rs.
Semestre 600 "
Brazil, ano (moeda forte) 2\$500 "
Número avulso 30 "

Anuncios e comunicados, por linha 40 "
Repetição, por linha 20 "
Permanentes, contracto convencional. Anuncios, não judiciais, para os ers. sinantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ao Cidadão